

## **TEATRO E CONTRATEATRO EM TORNO DA SECA NA PARAÍBA: JOGOS DO POLÍTICO E AÇÕES DA GENTE POBRE DO CAMPO (1950 - 1951)**

**Josinaldo Gomes da Silva<sup>1</sup>**

### **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho tem como abordagem central, perceber os jogos do político em torno da seca, e as ações da gente pobre do campo na Paraíba no ano de 1951. Procuramos inicialmente perceber a dose de teatrocrazia presente nas ações de alguns personagens da política, a exemplo do governador da Paraíba, eleito na eleição de 1950, José Américo de Almeida, do senador Ruy Carneiro, entre outros personagens que se utilizaram dos mecanismos do Estado Espetáculo<sup>2</sup> para construírem uma imagem de homens públicos benfeitores. Cabendo ressaltar que, durante a disputa eleitoral de 1950, o Sr. José Américo de Almeida teve como uma das vertentes da campanha, a exploração de sua passagem pelo Ministério da Viação no ano de 1932, e as respectivas ações em torno da seca.

Todavia, apesar dos diversos mecanismos de controle utilizados pelos nossos “representantes políticos”, não acreditamos que haja controle político absoluto, sendo assim se faz também nosso propósito central, investigar a resistência ao Estado Espetáculo. Trata-se de perceber o tipo de luta silenciosa, mas constante, travada por essa gente pobre da Paraíba, em seu dia a dia, para burlar aqueles que pretendiam os

---

<sup>1</sup> O autor é mestre em História pela UFCG – Universidade Federal de Campina Grande – PB, membro do grupo de pesquisa de Teoria e História da Historiografia, coordenado pelo professor doutor Gervácio Batista Aranha, professor de História no ensino médio na rede estadual de ensino da Paraíba e na Prefeitura Municipal de Salgadinho PB.

<sup>2</sup> Cada dirigente parece escolher um emprego e desempenhar um papel, como num espetáculo, isto é, o Estado se transforma em empresa teatral em Estado Espetáculo. (SWARTZEMNBERG, p.09)

explorar, dentre essas ações de resistência cotidiana<sup>3</sup>, que são muitas<sup>4</sup>, nesse trabalho destacamos os saques, as retiradas e as aglomerações em frente às Prefeituras Municipais. Assim como podemos observar a partir da leitura a contrapelo de reportagens e editoriais do jornal *A União* de 1951. Nessa perspectiva, empregamos os preceitos do método indiciário, ligado ao historiador Carlo Ginzburg, e buscando produzir um trabalho que se enquadre no campo temático da *História Social*, dialogamos com autores do campo da teatocracia, como Schwartzner, Balandier e E. P. Thompson. E também com o cientista político James Scott.

## 1. A eleição de 1950 na Paraíba: Argemiristas X Americistas

Em 1950 a eleição para governo da Paraíba teve como concorrentes dois “titãs” da política paraibana: de um lado, José Américo de Almeida, ex Ministro da Viação no governo Vargas, que havia rompido com a UDN (União Democrática Nacional), candidato pela Coligação Democrática Paraibana, formada pelo PSD (Partido Social Democrático), a ala “americista” da UDN, que havia entrado no PL (Partido Libertador), os pequenos do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), o PSB (Partido Socialista Brasileiro) e PDC (Partido Democrata Cristão). Do outro lado, Argemiro de Figueiredo, que havia sido governador da Paraíba de 1935 a 1940, e no pleito de 1950, estava concorrendo para governo do Estado pela Aliança Republicana formada pela UDN (União Democrática Nacional) e PR (Partido Republicano)<sup>5</sup>.

Foi um pleito bastante disputado, José Américo contou com o apoio de muitos usineiros, visto que o candidato a vice-governador pela sua chapa era o usineiro João Fernandes de Lima, contou também com o apoio de Ruy Carneiro que já havia sido

---

<sup>3</sup> A luta prosaica, mas constante, entre os camponeses e aqueles que querem extrair deles o trabalho, o alimento, os impostos, os aluguéis e os lucros. (SCOTT, 2002, p.11)

<sup>4</sup> Fazer corpo mole, a dissimulação, a submissão falsa, os saques, as retiradas, os incêndios premeditados, a ignorância fingida, a fofoca, a sabotagem...

<sup>5</sup> SYLVESTRE, 1982, p. 173

governador do Estado na década de 1940, sendo um nome forte da política paraibana, principalmente na área do sertão.

Do outro lado o Sr. Argemiro de Figueiredo teve como candidato a vice o Sr. Renato Ribeiro Coutinho, e para senador o “todo poderoso” ministro do presidente Dutra, Pereira Lira, Argemiro de Figueiredo contou também com o apoio do governo do Estado.

Foi um pleito marcado por grandes comícios e passeatas, por discursos inflamados e muitas vezes até agressivos, e buscando aglomerar um número cada vez maior de pessoas, ambas as chapas contaram com a presença de artistas de projeção nacional em seus palanques.



**Imagem número 01: comício da Coligação Democrática Paraibana (de José Américo) na Praça da Bandeira na cidade de Campina Grande – PB, no ano 1950.**

**Fonte: Silvestre, 1988.**

A Praça da Bandeira, localizada no centro da cidade de Campina Grande-PB foi um dos locais onde ocorreram os grandes comícios na eleição de 1950, nesta imagem, o fotógrafo capturou o momento em que o candidato ao governo do Estado José Américo de Almeida discursava. O comício da Coligação Democrática Paraibana (de José Américo) retratado na imagem acima contou com a presença de uma multidão que superlotou a Praça da Bandeira e causou espanto em seus adversários, que trataram logo de organizar um comício maior do que o que fora realizada por “José Américo”, conforme podemos perceber a partir da imagem abaixo.



**Imagem 02: Comício da Aliança Republicana (coligação argemirista) na Praça da Bandeira na cidade de Campina Grande – PB, no pleito eleitoral de 1950. Fonte: SILVESTRE, 1988.**

Uma multidão, que acena com lenços brancos, muito provavelmente uma provocação aos adversários, visto que os “argemiristas” chamaram os “americistas” de brancos, “em razão do predomínio da cor branca nas manifestações da Coligação, principalmente nas passeatas das mulheres comandadas por Félix Araújo”<sup>6</sup>.

Enfim, é possível perceber a partir das imagens acima e do próprio trabalho de SILVESTRE, 1998, que o pleito eleitoral de 1950 foi marcado pela presença de multidões em comícios de ambas as coligações nas principais cidades paraibanas, entre elas Campina Grande, terra Natal de Argemiro de Figueiredo. No entanto, em muitas cidades paraibanas os comícios descambaram para a violência física, um exemplo emblemático de tal violência foram os “acontecimentos da Praça da Bandeira” isto é o enfrentamento entre “americistas” e “argemiristas” que resultou nas mortes do estudante Rubens de Souza Costa, e os operários José Ferreira dos Santos e Oscar Coutinho, além de dezenas de feridos.

Em sua obra, intitulada *Lutas de Vida e de Morte*, o historiador Campinense Josué Silvestre fez um relato do que aconteceu naquele dia 09 de julho de 1950 na cidade de Campina Grande - PB. Argemiro de Figueiredo e seus correligionários programaram uma manifestação – para o dia 09 de julho de 1950, na Praça da Bandeira – que tinha como principal propósito superar o comício que havia sido realizado pela coligação de José Américo na Praça da Bandeira em 20 de maio de 1950.

A praça da bandeira ficou tomada de gente para o que hoje se chama de ‘shownício’. Muitos oradores falaram, pontificando um mestre do verbo, Argemiro de Figueiredo. Entre os oradores, o jovem Ivandro Cunha Lima. No espetáculo artístco, a fina flor da radiofonia nacional, trazida com o prestígio do ministro Pareira Lira: Luiz Gonzaga, o Rei do Baião, Rui Rei, Emilinha Borba e Sivuca, entre outros. A festa terminou por volta das 20 horas. Os líderes aliancistas foram jantar na casa do ex-prefeito Ernani Lauritzem. De repente, provavelmente um ‘bolação’ do comando propagandístico, pequenos agrupamentos de pessoas, a maior parte jovem, começaram a se formar nas ruas do centro de Campina Grande e a percorrê-las gritando os ‘slogans de José Américo. Logo se formou uma massa significativa de gente que desembocou na praça da Bandeira. Assaltaram o palanque, já inteiramente vazio onde a UDN tinha

---

<sup>6</sup> CARNEIRO, 2011, p. 243

acabado de fazer o seu Showmicio, mesmo havendo um palanque da Coligação já armado e bem próximo<sup>7</sup>.

O desfecho do caso: tiros de revolveres e outras armas curtas, rajadas de metralhadoras, e como vimos acima, mortos e feridos.

Assim como em Campina Grande, no sertão paraibano, a violência também fez parte do cotidiano do pleito de 1950, na cidade de Patos –PB, o confronto se configurou em torno de Bossuet Wanderley que deu apoio a José Américo de Almeida, e Ernani Sátiro que apoiou Argemiro de Figueiredo, segundo Queiroz, 2000, em um comício no pequeno povoado de Santa Gertrudes - que atualmente é um distrito de Patos – primeiro chegou Bossuet Wanderley com seu povo, “uma cabroeira bem disposta” quando estavam se organizando para iniciar o comício chegou o deputado Ernani Sátiro “com sua amplificadora” tocando discos udenistas. “Bossuet atravessou a rua e foi tomar satisfações com Ernani. Aí se agarraram e foram aos tapas. Veio a turma do acaba-comisso. Bossuet voltou com a gravata do deputado nas mãos. Era o troféu do vencedor”<sup>8</sup>.

No entanto, no referido pleito o uso dos meios de comunicações, entre eles jornais escritos e rádios foram bastante explorados por ambos os lados. Nessa perspectiva segundo depoimento do senhor Joaquim Osterne carneiro o industrial Virgínio Veloso Borges, diretor da Companhia de Tecidos Paraibana, comprou o jornal *O Norte* para fazer a campanha de José Américo.<sup>9</sup> Por outro lado a Aliança Republicana, encabeçada por Argemiro de Figueiredo conseguiu uma concessão do Presidente Eurico Gaspar Dutra, ao candidato (que o então Presidente Gaspar Dutra apoiava) ao Senado pela Paraíba, Pereira Lira, em 24 de agosto de 1950<sup>10</sup>, autorizando a instalação de três rádios na Paraíba: a Rádio Caturité em Campina Grande, a Arapuã em

---

<sup>7</sup> QUEIROZ 2000, p.161

<sup>8</sup> QUEIROZ, 2000, p.164

<sup>9</sup> Depoimento concedido pelo senhor Joaquim Osterne Carneiro, ao autor em 05 de março de 2013

<sup>10</sup> OLIVEIRA, 2006, p. 80

João Pessoa, e a Espinharas de Patos. A concessão determinava que os referidos veículos de comunicação tivessem um fim educativo e recreativo. Porém, pelas circunstâncias em que se deu a referida concessão, fica fácil perceber que a finalidade principal, ao autorizar o funcionamento daqueles veículos de comunicação, era a campanha política de Pereira Lira e seus aliados. Assim, o testemunho memorial de Octacilio Queiroz se mostra revelador, pois quando se refere aos acontecimentos, ocorridos na cidade de Patos, durante a campanha política de 1950, assevera: “A Rádio Espinharas trabalhava exclusivamente para seu dono, Pereira Lira e sua aliança. (...) Um locutor insistente repetia seguidamente, para desespero dos pessedistas, e com voz tonitruante, o ‘slogan’ ‘Pe..rei..ra Li..ra, a Paraíba precisa vê-lo no Senado<sup>11</sup>.’”

Enfim, no calor da campanha eleitoral, tendo de enfrentar um grupo político que contava com fortes apoios, a exemplo do governo do Estado e do próprio Presidente Dutra - que autorizou a concessão de Rádios na Paraíba para Pereira Lira - candidato ao Senado Federal pela Aliança Republicana, liderada por Argemiro de Figueiredo.

Nesse contexto até mesmo um apelo ao misticismo religioso bastante presente na época, principalmente no sertão paraibano, foi bem vindo.

---

<sup>11</sup> SILVA, 2011, p. 101



**Imagem 03: José Américo de Almeida ao lado do padre Cícero do Juazeiro. Fonte: SILVESTRE, 1998**

A imagem acima deixa clara a intenção do candidato José Américo em explorar o misticismo religioso construído em torno do “padim ciço” do Juazeiro que segundo a crença de muitos nordestinos teria poderes proféticos, sendo capaz de adivinhar acontecimentos futuros. Sendo assim

Um boletim, com uma foto de José Américo ao lado do Padre Cícero, informava que num encontro ocorrido na fase da grande seca de 1932, o chefe político e religioso do Juazeiro disse ao então Ministro do Viação. ‘V. Excia Recbeu neste momento a missão de salvar os nordestinos desta seca calamitosa, e em 1950 será chamado para salvar a Paraíba a Paraíba

de uma calamidade política'. Conhecendo o fanatismo de muitos nordestinos pelo 'Padinho Ciço', a direção da campanha argemirista providenciou imediata resposta àquela divulgação dos coligados. Veio, então uma publicação intitulada 'A Profecia do Padre Cícero', dizendo entre outras afirmações, o seguinte: 'Quando o Dr. José Américo exercia as funções de Ministro da Viação, escreveu no 'Correio da Manhã do Rio de Janeiro, o seguinte sobre o Padre Cícero Romão Batista: 'Se eu tivesse as funções de Chefe de Polícia do Ceará, mandaria acabar com certos abusos do Padre Cícero do Juazeiro, a facção'<sup>12</sup>!

No entanto, a cidade de Campina Grande na época da referida disputa eleitoral, não dispunha ainda de imprensa diária, sendo assim "a guerra era sustentada através de manifestos, boletins e 'foguetes'. Num só dia às vezes, circulavam três ou quatro mensagens diferentes"<sup>13</sup>.

Enfim, no dia 03 de outubro de 1950, José Américo de Almeida foi eleito governador do Estado, João Fernandes de Lima vice-governador, e Ruy Carneiro senador, obtendo a seguinte margem de votos:

Para Governador: José Américo de Almeida – 147.093 votos

Argemiro de Figueiredo - 111.152 votos

Para Vice-Governador: João Fernandes de Lima – 145.633 votos

Renato Ribeiro Coutinho – 111.259 votos

Para Senador: Ruy Carneiro – 144.451 votos

José Pereira Lira – 109.272 votos<sup>14</sup>

## 2. O governo José Américo: o teatro em torno da seca de 1951

A posse do governador e do vice-governador eleitos no pleito 03 de outubro de 1950, ocorreu no dia 30 de janeiro de 1951, neste dia a capital da Paraíba parou para

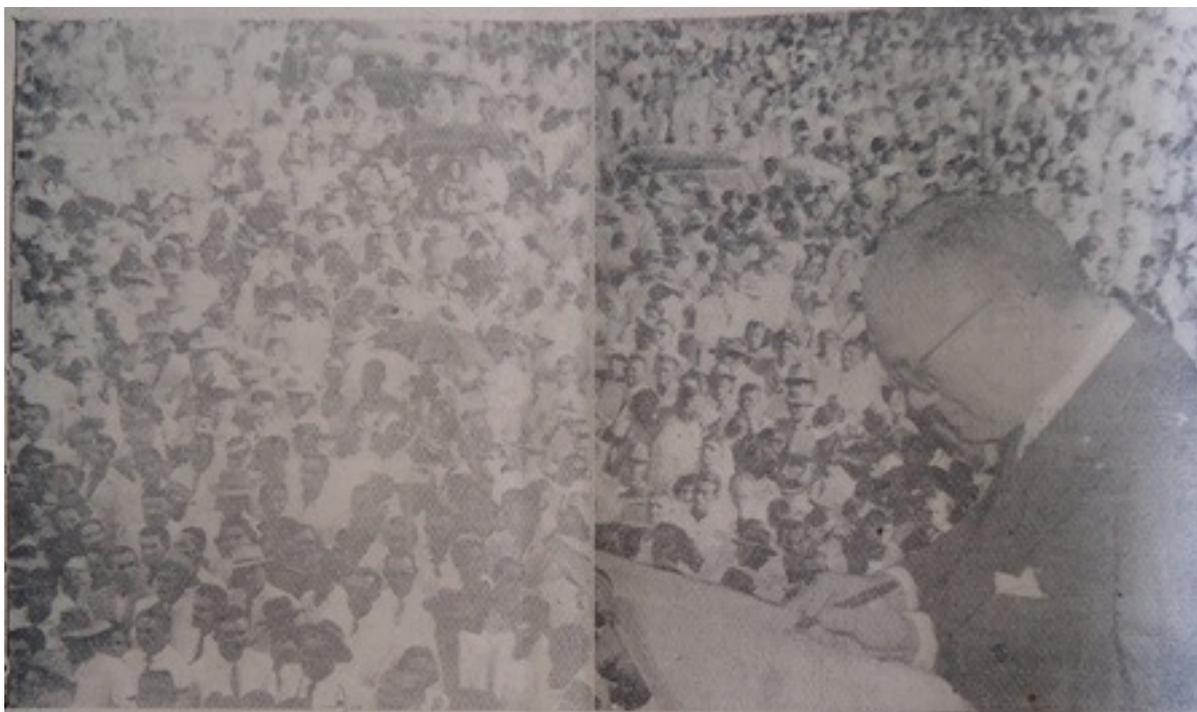
---

<sup>12</sup> Citado em: CARNEIRO, 2011, p. 235

<sup>13</sup> SYLVESTRE, 1982, p. 177

<sup>14</sup> CARNEIRO, 2011, p.248

assistir os festejos. O jornal *A União* de 01 de fevereiro de 1951, trouxe uma longa reportagem sobre o evento, segundo o aludido jornal “os dois ilustres homens públicos” foram homenageados pelo povo da capital e também pelas delegações que vieram do interior do Estado. A festa seguiu um cronograma previamente elaborado, que teve início às quinze horas quando o Governador José Américo, seu vice João Fernandes de Lima, Senador Ruy Carneiro e o prefeito da capital paraibana, Oswaldo Pessoa, foram saudados pelo deputado Pedro Gondim, na praça da Bela Vista no bairro de Cruz das Armas, de onde foram cortejados em carro aberto pela rua das Trincheiras com destino a Assembléia Legislativa no centro da cidade, onde diante dos deputados prestaram o compromisso constitucional.



**Imagem 04: Governador José Américo assina o termo de posse em praça pública. Fonte A União 01 de fevereiro de 1951**

A imagem acima fez parte do ritual que encerrou as comemorações da cerimônia de posse do Governador José Américo e do seu vice-governador. O palanque armado em praça pública tinha um objetivo bastante claro, aproximar o governador eleito e recém-empossado do povo que havia lhe conduzido ao palácio da Redenção na eleição de 03 de outubro de 1950. Não estaria este fato ligado a uma teatrocrazia política de um líder carismático<sup>15</sup> que havia vencido o pleito de 1950, tendo como principal bandeira de campanha sua passagem no Ministério da Viação em 1932, e a forma como enfrentou o problema da seca no Nordeste. Sendo chamado pelos seus correligionários e eleitores de “o grande Ministro das secas.” Essas e outras perguntas, procuraremos responder no decorrer desse trabalho. No entanto, podemos arriscar-nos inicialmente em dizer que a assinatura do termo de posse em plena praça pública foi mais uma evidência que comprovou a teatrocrazia política que instalou-se na Paraíba no pós-1930<sup>16</sup>. E que chega ao pleito de 1950, sendo utilizada tanto por José Américo quanto por seu opositor Argemiro de Figueiredo.

O fato é que já no primeiro ano de seu governo (1951) uma “seca” assolou a Paraíba. E, no entanto, “o Grande Ministro das Secas”, que naquele momento encontrava-se governando o Estado, e que havia sido eleito prometendo resolver ou pelo menos amenizar o sofrimento das populações atingidas por tal fenômeno, precisava agir. Sendo assim, o “grande herói da seca de 1932”, no dia 12 de março de 1951 – a pouco mais de um mês de sua posse- viajou para o sertão paraibano a fim de visitar in loco a “tragédia” que se abatia sobre os sertanejos, em sua companhia viajaram também: o jornalista Josmar Toscano Dantas e o Cel Manoel Ramalho, respectivamente. Oficial

---

<sup>15</sup> Vem do grego ‘charisma’, que significa graça. Em teologia, o carisma designa um dom particular conferido pela graça divina. Max Weber introduz esse termo em política para designar a ‘qualidade extraordinária de uma personagem dotada de forças ou de caracteres por assim dizer sobrenaturais ou sobre-humanos, ou pelo menos alheios à vida cotidiana, inacessíveis ao comum dos mortais, ou então que seja considerada como enviada de Deus ou como exemplo, sendo consequentemente tida como chefe. (SCHWARTZENBERG, p.21)

<sup>16</sup> Quando tem início a construção do mito João Pessoa. Visto que, desde o seu assassinato foi se criando uma atmosfera mítica em torno de seu nome, santificando-o, heroizando-o e cultuando a sua passagem. No imaginário coletivo, ele ‘obrava milagres’, e seu espírito era bastante invocado para resolver questões terrenas. Os vitoriosos de 1930 o tomam como exemplo a ser seguido e passam para a sociedade a mesma missão: seguir os passos do ‘grande paraibano’, ‘bravo’ e ‘resistente’. (AIRES, 2009, p.285)

de Gabinete e Chefe da Casa Militar do Governador do Estado. Seguiram “diretamente para o município de Patos, onde deve ter pernoitado, para prosseguir viagem hoje, para Souza, Pombal e Cajazeiras”<sup>17</sup>.

Após percorrer vários municípios sertanejos, o governador José Américo retornou a capital do Estado no dia 15 de março – a noite – e já no dia 16 do respectivo mês usou o microfone da Rádio Arapuan de João Pessoa para descrever a sua viagem e as medidas que iria tomar visando socorrer aquela região. O jornal A união de 16 de março de 1951 fez o seguinte comentário sobre a entrevista do governador:

Logo após seu regresso ontem, a esta Capital, o governador José Américo de Almeida foi procurado pelos jornalistas acreditados junto ao seu gabinete. Sua Excelência prestou, ontem, rápidas declarações à “Rádio Arapuan”, tendo adiantado que a situação no interior é grave, pois dada a ausência de chuvas cessaram em grande parte as atividades agrícolas. Notou Sua Excelência que as cidades estão começando a receber as primeiras levas de pessoas a procura de trabalho, e que as estradas cheias de pó, queimadas pelo sol inclemente, já apresentam o aspecto característica das retiradas. Para fazer face a ameaça, prosseguiu o Governador José Américo, o Governo Estadual está tomando todas as medidas ao seu alcance, e que se não faltar o concurso de outros poderes, a situação será controlada sem grandes dificuldades. Externou Sua Excelência sua confiança no auxílio do Governo Federal, nas reiteradas promessas do Sr. Presidente da República, que não deixará de ajudar a Paraíba a enfrentar qualquer emergência. Finalizando sua entrevista, declarou o Chefe do Executivo paraibano que, embora não hajam sinais de chuva, poderá normalizar-se o tempo, porque já se tem verificado o fenômeno dos invernos tardios.

Portanto, é fácil perceber que as ações do governador José Américo em torno da seca na Paraíba, foram acompanhadas de todo um imaginário que tinha como principal propósito levar os paraibanos a acreditarem em sua capacidade “heróica”<sup>18</sup> para resolver

---

<sup>17</sup> Jornal A União, João Pessoa, 13 de março de 1951

<sup>18</sup> Além do esplendor e do sonho, o herói também fornece a certeza. Tendo o domínio da segurança, ele ajuda a vencer a angústia, a incerteza dos períodos difíceis e de mudanças. Atrás do seu guia, o povo se

a questão do “flagelo” que se abatia sobre essa gente. Sendo assim, a dobradinha rádio imprensa escrita se tornou um canal privilegiado para divulgação desse imaginário.

### 3. O contrateatro: as ações da gente pobre do campo na Paraíba no ano de 1951

Apesar dos variados recursos utilizados pelo governo José Américo e sua equipe, que tinham como principal propósito levar os sertanejos a acreditarem no seu empenho, e na sua capacidade intelectual para resolver a questão do “flagelo” que se abatia sobre a região, não acreditamos que haja uma dominação absoluta. Nessa perspectiva, através de uma leitura a contrapelo do jornal *A União* de 1951 podemos constatar que principalmente a partir do mês março, na medida em que ia se aproximando o dia de São José, que segundo o imaginário religioso de muitos sertanejos é o santo responsável pelo “bom inverno”, e por isso se não chove até o dia 19 de março, dia dedicado ao referido santo o ano será “ruim”. Acentuavam-se então as retiradas, e com isso as principais cidades paraibanas, que nesse momento vivenciavam um certo clima de modernidade<sup>19</sup>, eram “invadidas” por levas de pessoas, famintas, mal vestidas e sujas que permaneciam principalmente em frente as Prefeituras e/ou a casa do Prefeito e só saíam dali quando conseguiam trabalho ou alimento. Visando fortalecer nossa argumentação, citaremos abaixo um telegrama do Prefeito de Cajazeiras, cidade localizada no sertão paraibano ao governador do Estado:

<<CAJAZEIRAS, 16 – Após a saída de Vossa Excelencia aumentou consideravelmente o número de flagelados, estacionando em frente à Prefeitura e à minha residencia, procurando recursos para a

---

sente seguro. Porque o herói não pode errar. Ele sempre enxerga mais longe, mais claro e mais certo. (SCHWUARTZENBERG, p.23)

<sup>19</sup> A partir da instalação de alguns equipamentos modernos, entre eles citamos: trem de ferro, cinema, energia elétrica, rádio, e outros, muitas cidades paraibanas, inclusive cidades do interior a exemplo de Campina Grande, Patos, Pombal, Souza, entre outras cidades, vivenciaram certos valores ligados a vida moderna, que tinha como parâmetro comportamentos típicos das grandes metrópoles.

subsistência. Diante do nosso entendimento pessoal aguardo a palavra de ordem do eminente Governador, inicio na próxima semana o serviço de emergência afim de atender, pelo menos, os que estão passando fome. Telegrafei ao presidente da República comunicando a situação calamitosa e solicitando ao mesmo tempo recursos para a população flagelada. Estamos plenamente confiados na ação do grande governador, que tudo envidará em favor de nossa gente sofredora. Atenciosas saudações – ARSENIO ARARUNA – Prefeito<sup>20</sup>.>>

E não pense caros leitores, que o acontecimento descrito acima foi um fato isolado, isto é, ocorrido apenas na cidade de Cajazeiras, basta abrirmos os jornais de 1951, em particular o jornal *A União*, fonte de nossa pesquisa, para nos defrontarmos com inúmeros telegramas e reportagens descrevendo situações similares em diversas cidades do interior paraibano. Cabe ressaltar que a presença dessa gente faminta representava uma ameaça para os comerciantes, pois sabiam que a qualquer momento, caso o governo não tomasse as providências necessárias, essas pessoas famintas podiam perder a paciência, e aí começavam os saques ao comércio local. Como exemplo de tal temor, podemos citar o telegrama do sr. Napoleão Nóbrega, oriundo do Município de Santa Luzia, “visitei por duas vezes esta semana o município de Santa Luzia, auscultando a opinião dos agricultores, fazendeiros e comerciantes (..) os comerciantes estão receosos de abrir os seus estabelecimentos amanhã, temendo uma invasão<sup>21</sup>.”

Esse clima de instabilidade marcou o cotidiano da Paraíba, principalmente nas áreas do cariri e do sertão, região onde as chuvas são mais escassas, e era justamente durante as grandes estiagens que o pacto paternalista<sup>22</sup> entre os fazendeiros e a gente pobre que trabalhava em suas fazendas era desfeito, esses trabalhadores eram entregues a própria sorte, visto que não existia nenhuma legislação que garantisse os direitos para essa gente, o Estado era convocado para exercer o papel de agente paternalista.

---

<sup>20</sup> Jornal *A União*, João Pessoa, 18 de março de 1951

<sup>21</sup> Jornal *A União*, João Pessoa, 31 de março de 1951

<sup>22</sup> Principalmente nos momentos de “seca” os fazendeiros socorriam os seus moradores, emprestando-lhes gêneros alimentícios.

Contudo, nossa proposta de trabalho está voltada a uma abordagem historiográfica, comprometida em perceber que esses movimentos de resistência da gente pobre do campo mencionados acima, não devem ser vistos como rebeliões espasmódicas. Visto que os camponeses rebelados estavam defendendo princípios de uma *Economia Moral*<sup>23</sup> que tinha como principal acepção a defesa da sobrevivência. Sobre essa questão, pensamos ser oportuno destacarmos a observação do historiador E. P. Thompson, em suas pesquisas sobre a Inglaterra do século XVIII.

Contra essa visão espasmódica, oponho minha própria visão. É possível detectar em quase toda ação popular do século XVIII uma noção legitimadora. Por noção legitimadora, entendo que os homens e as mulheres da multidão estavam imbuídos da crença de que estavam defendendo direitos ou costumes tradicionais; e de que em geral tinham o apoio do consenso mais amplo da comunidade. De vez em quando, esse consenso popular era endossado por alguma autorização concedida pelas autoridades. O mais comum era o consenso ser tão forte a ponto de passar por cima das causas do medo ou da deferência<sup>24</sup>.

E. P. Thompson rompeu com as concepções que tratavam as rebeliões camponesas como “rebeliões do estomago”, sem objetivos claros, portanto, completamente desprovidas de qualquer embasamento político. Embora essas rebeliões não possam ser descritas como políticas em nenhum sentido mais avançado, tampouco podem ser descritas como apolíticas, pois supunham noções definidas, e apaixonadamente defendidas, do bem-estar comum<sup>25</sup>.

---

<sup>23</sup> Devo esclarecer que a *Economia moral da multidão* é um conceito do historiador inglês E. P. Thompson que observou como a gente pobre do campo na Inglaterra do século XVIII e XIX se movimentou no sentido de controlar os preços dos alimentos por eles consumidos. E nessa empreitada a defesa de costumes tradicionais foi a principal bandeira de luta. Todavia, se faz nosso propósito, respeitando as diferenças de tempo e lugar, aplicar o referido conceito para os movimentos de resistência que tiveram como protagonistas a gente pobre da Paraíba nas secas de 1951, 1953 e 1958, nesse trabalho discutimos apenas o ano de 1951.

<sup>24</sup> THOMPSON, 1998, p. 152

<sup>25</sup> Idem

Enfim, ter a oportunidade de pesquisar sobre o cotidiano da gente pobre da Paraíba, além de um grande desafio acadêmico, se constitui também como um importante desafio pessoal, para quem viveu realidade similar, mesmo numa outra temporalidade<sup>26</sup>.

---

<sup>26</sup> Devo esclarecer que o autor do presente trabalho nasceu e cresceu no sertão paraibano. Sendo assim, nos anos de 1982 e 1983 trabalhou na “frente de emergência”, que tinha como objetivo atender aos flagelados da seca. “Trabalhei na construção de um açude no município de Salgadinho. O encarregado da obra era meu pai (Sr. José Gomes dos Santos), os trabalhadores eram divididos em grupos, cada grupo tinha um feitor responsável. A fiscalização geral das obras ficou ao encargo do exército. As mulheres trabalhavam em outro açude que ficava a aproximadamente um quilometro do açude onde os homens trabalhavam. Lembro-me de forma bastante clara as “táticas” que usávamos para burlar os olhares vigilantes de alguns feitores: tomar água sem estar com sede, conversar em demasia com os colegas, inventar dores de barriga para “correr para o mato”, enfim eram muitas as nossas táticas para burlar a vigilância”. Pelo fato de ser filho do feitor e também não estar acostumado com serviço braçal, (visto que era estudante, na época cursava o segundo grau, mas havia parado de estudar no segundo ano por falta de condições financeiras) fiquei responsável por colocar óleo no eixo dos carinhos de mão. Passava o dia quase todo sentado embaixo da barraca, e de vez em quando vinha um trabalhador com seu carro de mão para colocar óleo no eixo. E claro aproveitar para conversar um pouco e dessa forma fugir do sol escaldante. Principalmente os mais jovens vinha a barraca várias vezes ao dia, alguma vezes eram reclamados pelos feitores, reclames esses quase sempre não levado em conta.

#### 4. Referências Bibliográficas

AIRES, José Luciano Queiroz. *A fabricação do mito João Pessoa: uma cultura histórica heroizante na Paraíba de 1930*. In: SANTOS NETO, Martinho Guedes; COSTA, Robson Xavier. (orgs) *Pesquisa em história: temas e abordagens*. João Pessoa- PB: Editora Universitária da UFPB, 2009.

CARNEIRO, Renato César. *A bagaceira eleitoral, verba, verbo e populismo: a história do voto na Parahyba da Revolução de 30 a 1965*. João Pessoa – PB: Editora Universitária da UFPB, 2011.

FORTES; NEGRO; FONTES, Peculiaridades de E. P. Thonpson. In: THOMPSON, E. P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas SP: Editora da Unicamp, 2001.

GINZBURG, Carlo. *Mito Emblemas e Sinais*. Tradução Frederico Carotti, São Paulo: Companhia das Letras, 1989

MARTINS, Marcos Lobato. Eric Hobsbawn. In: LOPES, Marcos Antonio; MUNHOZ, Sidnei J. org. *Historiadores do nosso tempo*. São Paulo: Alameda, 2010.

NEVES, Frederico de Castro. *A multidão e a História: saques e outras ações de massas no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza CE: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.

OLIVEIRA, Flavianny Guimarães. Rádio e Política em campina Grande. in: SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa. Et.al. *História da Mídia Regional: o rádio em Campina Grande*. Campina Grande PB: EDUFCEG/EDUEP, 2006,

PALMER, Bryan. *Edward Palmer Thompson: objeções e oposições*. São Paulo: Paz e Terra, 1996

QUEIROZ, Bertino Nóbrega. *Tempos de Octacilio Queiroz : Perfil de uma Vida*. João Pessoa: editora da UFPB, 2000.

SCOTT, James C. Formas de resistência camponesa. In: *Raízes* vol.21, nº01, jan-jun./2002.

SILVA, Josinaldo Gomes. *Imagens do moderno em Patos-PB: (1934 – 1958)*. Campina Grande –PB: UFCG, dissertação de mestrado em História, 2011.

SCHWARTZENBERG, Roger-Gérard. *O Estado Espetáculo: Ensaio sobre e contra O STAR SYSTEM EM POLITICA*. São Paulo: Circulo do Livro, 1977.

SYLVESTRE, Josué. *Lutas de vida e morte: fatos e personagens da História de Campina Grande (1945 – 1953)*. Brasília: Senado Federal, 1982.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional*. Tradução de Rosaura Eichenberg, São Paulo: Companhia da Letra, 1998.